

Memórias VIII

José Maria Fernandes de Almeida
DSI – U. Minho
falmeida@dsi.uminho.pt
<http://www.dsi.uminho.pt/museuv/>

Decorria o ano de 1975. Na quinta dos Almostéis, em Sacavém, uma equipa de programadores e analistas esforçava-se por lançar um novo sistema no armazém da CUF Têxteis Lar.

Numa das salas um armário laranja albergava um Computer Automation, bi-processor, com uma memória de 8K words de 16 bit (poderia ser equiparada a uma memória actual de 16 K), a U.A.L., um controlador de comunicações locais e um até quatro discos magnéticos Winchester removíveis com uma capacidade de 2,5 MB cada (cada disco tinha apenas um prato).

O sistema operativo, entre várias funções, assegurava a recuperação de ficheiros e programas no caso de ter existido uma interrupção do fornecimento de energia eléctrica ao sistema. Dispunha ainda de vários utilitários como o SORT (ordenação de registos num ficheiro), TOS (teste do sistema operativo), LOGED (editor do Logic-3) e TRIC (traduzia as instruções Logic-3 em linguagem máquina).

O conjunto era denominado, jocosamente, o “frigorífico”.

De facto não existia qualquer semelhança entre aquele sistema e um computador comercial da época, por exemplo um IBM 360.

Do “frigorífico” saía um cabo com dois fios de cobre que, de caminho, se ligavam a uma impressora Centronics e depois seguia para o rés do chão onde passava por um terminal com écran e teclado. O cabo subia de novo ao primeiro andar e passava por um conjunto de terminais – écran e teclado – instalados numa mesa circular.

“Não te esqueças de fechar as pontas dos fios” se não isto não funciona. Não se ouvia pronunciar a sigla LAN, nem se falava em topologia BUS nem em Ethernet.

Nem a sigla, nem os vocábulos eram conhecidos em Portugal.

Na mesa circular um conjunto de “atendedoras” poderia consultar, no seu terminal, o catálogo de produtos, registar encomendas e verificar o estado de avanço da encomenda. No rés do chão, o encarregado do corte e embalagem recebia as ordens e mandava executar as encomendas. Terminado o processo, o encarregado confirmava a expedição e as facturas eram impressas na Centronics instalada no 1º andar.

A semelhança entre o local de trabalho e a fotografia do catálogo do Sistema FACIT 6501 seria um milagre.



Os analistas e programadores utilizavam uma linguagem de programação própria denominada Logic-3. O sistema Operativo incluía um interpretador para essa linguagem.

Curiosamente o sistema dispunha de um programa de apoio denominado FIMP (*File Maintenance Program*) que continha **todos os princípios que tinham sido enunciados por James Martin para os Sistemas de Gestão de Base de Dados.**

Poucos dias depois do dia 25 de Novembro de 1975 o sistema arrancou e entrou em funcionamento sem problemas.

Algumas “atendedoras” manifestaram o receio de que a utilização de terminais fosse prejudicial para a saúde.

Foi realizado um estudo por uma equipa médica a qual concluiu que deficiências oftálmicas não corrigidas ou mal corrigidas se agravavam.

Alguns meses após o arranque do sistema, um conjunto de 11 analistas e programadores que tinham estado envolvidos no projecto, que não sabiam o significado da sigla LAN, nem o que era uma topologia BUS nem o que era uma rede Ethernet, foram contactados pela Embaixada da Austrália em Lisboa.

Contratados por empresas australianas, auferindo vencimentos substancialmente mais elevados que os que auferiam em Portugal, emigraram para aquele país.

Braga, 21 de Março de 20002